

# humanitas

**Vol. XV–XVI**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

---

# HUMANITAS

VOLS. XV E XVI



COIMBRA  
MCMLXIII-LXIV

tiria um melhor quadro do ambiente literário cristianizado pelo maior génio da Oratória cristã da Antiguidade: João Crisóstomo.

Fecha este precioso livro uma conclusão em que a Autora resume magistralmente a linha evolutiva do conceito de *φιλοσοφία* desde o seu berço ao século iv p.C. Ao dobrar da última página, tivemos a sensação de haveremos fruído, em agradável leitura, de uma clareza e transparência difíceis de igualar, enquanto na penumbra ficou aquela desejada visão sintética, profunda e densa, que o título *Philosophia* exigiria.

Esta é a autêntica face velada da obra de Malingrey.

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA

Atilio Degrassi — *Inscriptiones Latinae liberae rei publicae*. Fasciculus prior. Firenze, «La Nuova Italia» Editrice, 1957. XII + 292 pp.

Atilio Degrassi, professor da Universidade de Roma, que já há algumas dezenas de anos se vem dedicando ao estudo da epigrafia latina, aceitou o encargo de organizar para a *Biblioteca di Studi Superiori* uma larga antologia de inscrições, destinada, em parte, a substituir e a completar os trabalhos similares de Garrucci, Diehl, Ernout, Warmington e Pisani. Para isso, adoptou, em primeiro lugar, um critério predominantemente histórico, deixando quase de lado as considerações filológicas, e inseriu na sua selecta inscrições encontradas recentemente. De facto, deparamos com exemplares descobertos já no decénio de 1950-60. A obra foi concebida para incluir inscrições latinas desde as mais antigas (ainda que sejam anteriores à República!) até ao ano 31 a.C. Dada a abundância do material seleccionado, apresenta-se em duas partes. Da segunda, já publicada, ainda nos não foram enviados os exemplares para a recensão (escrevemos em Junho de 64). Por isso, limitar-nos-emos à apreciação do primeiro volume.

Para se fazer uma ideia da documentação apresentada, vamos dar uma resenha dos capítulos e dos números das inscrições por eles compreendidos : I — Inscrições desde o século vu até\* ao século iv (1-7); II — Fastos consulares (8); III — Calendário (9); IV — Inscrições sobre divindades e sacerdotes (10-308); V — Sobre magistrados romanos (309-447); VI — Marcos miliários (448-466); VII — Marcos divisórios de terras (467-496); Sobre militares (497-503).

A cada inscrição é feita uma introdução na qual se descreve a forma e a qualidade do objecto em que está gravada, a sua medida, o lugar onde foi descoberta e onde se encontra actualmente e se indicam *alguns livros* em que foram publicadas gravuras com o desenho ou a fotografia das inscrições. Dizemos *alguns livros* porque em vários outros as inscrições estão reproduzidas, se bem que não sejam citados por Degrassi. Por exemplo, da fibula de Preneste (1) pode ver-se um desenho também em Warmington, *Archaic Inscriptions* (depois da p. 150); do vaso de Dueños (2), em Devoto, *Storia della lingua di Roma* (depois da p. 80); do *lapis niger* (3), em Para-

tore, *Storia della letter atura latina* (depois da p. 32), etc. Nunca será realçado demais o valor de muitas destas introduções, breves na generalidade, bastante extensas por vezes, mas sempre com informações preciosas. O seu mérito é principalmente de carácter histórico, procurando identificar as personagens a que se referem e as circunstâncias em que foram escritas (cf. 13-26; 101-110; 309-317). Outro benefício apreciável é a citação da bibliografia pertinente a cada caso, com discussão e levisão de problemas que revelam, só por si, vastíssima erudição.

Para a grande maioria das inscrições é feito ao fundo da página um comentário que abrange os mais diversos aspectos. Também aqui a indicação de bibliografia apropriada e a sugestão de interpretações dão valor extraordinário a estas anotações. A preocupação histórica ocupa também lugar de primazia, mas não faltam, aqui e além, pormenores de interesse para o linguista. Aliás, a simples leitura de textos das origens e da fase arcaica do latim revela-se sempre cheia de sugestões sobre a evolução da língua, a sua grafia e pronúncia. As numerosas inscrições bilingu.es, em grego e latim, fornecem bastos exemplos para documentar estes últimos aspectos.

Para se poder apreciar sumariamente a natureza deste trabalho, vamos transcrever uma pequena inscrição precedida da sua introdução e seguida do comentário :

166. Lamina aenea (0,026 X 0,06) reperta nescio quando Signiae in stipe sacra, nunc Romae in museo villae Iuliae, ubi vidi (memorat A. Della Seta, *Catálogo del museo di Villa Giulia*, 1918, p. 221 ; cfr. U. Bianchi, *Mem. Aecad. Linee i*, ser. VIII, vol. II, 1949, p. 363 s.).

*Iunonei \ Mo ne tai | do nom.*

Iunonem Monetam cultam esse Romae et in monte Albano inter omnes constat (cfr. Haug, *R E X*, 1, 1917, col. 118 s.). Titulus Iunoni Monetae Reginae dicatus prodiit Romae (VI, 362 = D. 3108). De Iunone Moneta, scii, quae monet, cfr. De Sanctis, *Storia dei Romani*, IV, 2, 1, 1953, p. 141.

A admiração que sentimos perante este valioso trabalho não quer dizer que não desejassemos por vezes bastante mais. Nas inscrições 1 e 2, por exemplo, não se chega a dar uma ideia da quantidade de problemas linguísticos que elas levantam, nem das variadas tentativas de interpretação. Dado o lugar de relevo que ocupam na epigrafia latina, parece-nos mereceriam uma introdução e comentário com maior desenvolvimento. Ao apreciar as inscrições 174-181, dedicadas por populações asiáticas a Júpiter, no Capitólio, diz-se (p. 117) que, apesar de as inscrições deste tipo estarem geralmente escritas em latim e grego, a que tem o «n.º 180 b está escrita só em grego». Na realidade, deste grupo, a única inscrição só em grego é a que tem o n.º 179. O n.º 180 b nem sequer consta da colectânea. Além disso, será discutível se uma inscrição *só em grego* deverá ser incluída numa antologia de inscrições *latinas*! A inscrição do n.º 484 apresenta-se tão mutilada e tão falha de elementos significativos que vemos dificuldade na sua classificação. Pode ser que a matéria ajude a determinar que se trata de um marco divisório, mas, apesar disso, dada a impossibilidade de reconstituição do seu texto, pareceria melhor omiti-la. E, a par destas, outras observações de pormenor poderíamos ainda apontar.

No prefácio o A. promete (p. VIII) «índices amplísimos» no final do segundo volume. Sentimos já, aqui, a falta de um bom índice da matéria de cada uma das inscrições deste volume e da sua correspondência no *Corpus Inscriptionum Latinarum* ou em obras equivalentes (quando isso se puder fazer). Este índice não dispensaria outros que porventura viessem a completá-lo, no fim da obra.

Fica bem patente que este volume de inscrições latinas está cheio de elementos com interesse para o estudioso da língua, da história, da religião — em suma, da civilização do povo latino. A sua utilidade para as aulas «práticas» de epigrafia latina é também evidente.

J. GERALDES FREIRE

Alejandro Barcenilla, S.J. — **Grecia: origen y destino.** *En torno a Homero.* Salamanca, Perficit, Colegio San Estanislao, 1964. 100 pp.

Para auxiliar os licenciados que leccionam no ensino secundário, *Perficit*, sob a orientação dos Padres da Companhia de Jesus, do Colégio de Santo Estanislau, de Salamanca, publica agora um estudo sobre a cultura grega. O motivo desta publicação vem explicado na página de abertura : — o Ministério da Educação de Espanha indicou Homero como autor a estudar no curso pré-universitário durante o corrente quadriénio, na disciplina de Grego; ao mesmo tempo deverão ser tratados vários temas da história, da literatura e da civilização da Grécia antiga. Para aplicar o programa, é necessário, pois, dar uma ideia de conjunto dos vários aspectos da cultura grega, sem poder deter-se em nenhum deles em particular.

O intento que se propôs Alejandro Barcenilla foi perfeitamente conseguido. Nas 100 páginas compactas deste pequeno volume são tocados ao de leve todos os temas fundamentais, por vezes demasiadamente resumidos para que os alunos possam compreender todo o conteúdo neles escondido. Assim, o *marco geográfico* inicial (p. 5) é apenas uma sugestão, a ilustrar e a desenvolver pelo professor. Mais frio e difícil nos parece ainda o quadro esquemático da Grécia pré-histórica (pp. 5-6), sem qualquer comentário sobre as estações arqueológicas. Satisfazem-nos, porém, os elementos apresentados sobre o Paleolítico e o Neolítico no Egeu, em Creta e na Península Balcânica (pp. 6-13). A cultura cretense é rapidamente assinalada (pp. 13-15) para depois se entrar num bom resumo sobre os Indo-Europeus: sua origem, difusão, língua, sistema social, religião (pp. 15-18) e ainda sobre o seu estabelecimento na Grécia desde a Idade do Bronze, e a sua adaptação ao solo e às tradições autóctones (pp. 19-20). Na orientação sobre a cultura micénica, dá-se lugar de relevo ao Linear B, descendo, talvez escusadamente, a pormenores sobre a sua escrita (pp. 20-26). A primeira parte termina com as invasões do século xm e xna.C., especialmente a dórica (pp. 26-27).

Ao falar do contacto dos Micénios com as culturas do Oriente, Barcenilla cita «la hipótesis de que la concepción de los Campos Elíseos tiene su origen en una con-